

Brincadeira é Jogo S3rio

Fl3via Moretto de Oliveira¹
Luciane Canto Vargas²

Resumo

A inf3ncia 3 fascinante, durante a vida 3 neste per3odo que exteriorizamos nossos sentimentos, nossas experi3ncias e fundamentalmente nossa criatividade da forma mais espont3nea que existe: BRINCANDO. Atrav3s do jogo a crian3a interage com a realidade e estabelece rela33es com o mundo em que vive.

Palavras chaves: Crian3a, Jogo, Desenvolvimento

Brincadeira 3 Jogo S3rio

“Como se fosse brincadeira de roda...”

Atrav3s dos tempos, brincar 3 uma manifesta33o que reflete a express3o cultural das diversas sociedades. Mesmo que o conceito de cultura tenha sofrido mudan3as e mesmo que n3o haja um acordo quanto ao que abrange, j3 que existem m3ltiplas concep33es e vis3es, uma coisa n3o mudou: brincar.

Algumas brincadeiras s3o universais, como brincar de roda ou jogar bola. Outras podem ter o significado de rito de passagem, como se jogar do alto de uma 3rvore preso a um cip3 em sociedades tribais. Mas, em qualquer situa33o ou 3poca, o desenvolvimento f3sico e mental se faz presente e, mais do que isso, a criatividade e a divers3o garantida.

Mas, brincar, mais do que divers3o, 3 uma forma de interagir com a realidade, principalmente para as crian3as. 3 pela brincadeira que a crian3a recria, interpreta e estabelece rela33es com o mundo em que vive.

Segundo Winnicott (1975), o brincar facilita o crescimento e, em conseq33ncia, promove a sa3de. O n3o-brincar em uma crian3a pode significar que ela esteja com algum problema, o que pode prejudicar seu desenvolvimento. O mesmo pode-se dizer de adultos quando n3o brincam ou quando proibem ou inibem a brincadeira nas crian3as, privando-as de momentos que s3o importantes em suas vidas, e nas dos adultos tamb3m!

O hist3rico do jogo infantil tem como base fundamental toda experi3ncia l3dica da crian3a, e quando aqui falamos em jogo nos referimos a toda atividade recreativa que a crian3a utiliza para brincar.

1 Professora de Educa33o F3sica da Rede Municipal de Porto Alegre, P3s-Graduanda no curso de Psicomotricidade Relacional na UNILASALLE – favinhamo@yahoo.com.br.

2 Professora de Educa33o F3sica da Escola Adventista Marechal Rondon, P3s-Graduanda no curso de Psicomotricidade Relacional na UNILASALLE.

A importância do brincar tem sido pesquisada através dos tempos, muitos estudiosos tem se dedicado a este tema. No início do século XX, Henry Wallon, destacou-se ao realizar estudos sobre a relação entre o brincar e o desenvolvimento infantil.

O jogo para Wallon é espontâneo e expressivo. A partir da imitação da realidade a criança simboliza suas observações. É no brincar que a criança expressa seus sentimentos, a identificação com determinadas pessoas leva a criança a assumir papéis, buscando saciar sua curiosidade com relação ao mundo que a cerca. Não são todas as pessoas ou situações que são imitadas, apenas aquelas que a criança considera importante, podemos desta forma afirmar que há uma carga afetiva na brincadeira infantil. Negrine em seu livro "Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil", destaca que "para Wallon o jogo se confunde muito com toda atividade global da criança"... e ainda "...o jogo para as crianças é expansão, e nesse sentido se opõe à atividade 'séria' que é o trabalho" (1994, p. 29).

Em sua teoria Vygotsky também faz referência à imitação da realidade, porém o mais importante é a imaginação da criança. Se para Wallon a imitação é a regra do jogo, para Vygotsky a regra é a imaginação. Ao brincar a criança cria uma situação imaginária, com regras próprias. Vygotsky considera que toda brincadeira ou jogo tem símbolo (imaginário) e regra. Inicialmente as regras podem não estar explícitas, com a evolução da brincadeira estas passam a ser claras. Segundo Negrine, Vygotsky e Piaget diferem nesta questão. Para o primeiro o jogo evolui do jogo de regras ocultas ao jogo de regras manifestas, já para o segundo, a evolução se dá do símbolo para o jogo de regras.

Piaget afirma ser o jogo puramente assimilação predominando sobre a acomodação. Diverge dos autores citados acima em alguns pontos, um deles, quando fala que só haverá regras se a criança não estiver sozinha, e também a partir do momento que ela entra no processo de socialização. Ele ainda classifica o desenvolvimento da criança em vários estágios, e falando em jogo, separa as fases em que a criança apenas realiza o exercício (jogo sensório-motor), sendo substituído pelo jogo de símbolo e este por sua vez, pelo jogo de regras.

Na visão de Airton Negrine, autor brasileiro, o comportamento da criança no jogo assim como o significado simbólico do mesmo, não depende do local onde ela joga, a criança não depende de outra para jogar, mesmo que esteja sozinha, ela pode estar jogando simbolicamente. O fator cultural evidenciado nos jogos é outro ponto divergente entre os autores, Negrine acredita que o meio em que a criança vive exerce influência no conteúdo do jogo, a criança tem a capacidade de assumir uma variedade de papéis e isso pode ocorrer mesmo num curto período de tempo. Negrine contrariamente a Piaget,

acredita que o jogo é sempre simbólico e possui regras, não havendo símbolo, este é entendido como exercício, assim a criança pode passar de um para o outro, inúmeras vezes, durante o tempo em que joga de acordo com sua motivação e circunstâncias, e esta passagem nem sempre é visível.

O Jogo no Desenvolvimento da Criança

Durante muito tempo a sensorialidade foi utilizada para o trabalho educativo e reeducativo. Com o passar dos anos, através das pesquisas evoluímos à era da psicomotricidade, porém, sem deixar de lado tudo o que se tinha construído até então.

A psicomotricidade do ponto de vista biomédico sustentava suas teorias partindo do pressuposto de que as habilidades e capacidades motrizes se desenvolveriam de acordo com o processo de maturação. Piaget classifica os jogos numa ordem evolutiva, como já citamos anteriormente, o desenvolvimento da criança, quanto ao que se refere à capacidade mental, também é classificado por este autor em etapas. Tanto Piaget como Vygotski consideram o jogo fator importante no processo de desenvolvimento da criança, porém, para o primeiro, esse processo evolutivo está relacionado com a maturação e para o segundo o jogo está ligado ao surgimento da capacidade de simbolizar, ou seja, representar papéis.

Tratando-se do desenvolvimento infantil, não podemos deixar de citar Wallon. Ele foi o primeiro a relacionar o tônus muscular e o desenvolvimento da criança. Ao chamar a atenção para questões como a relação existente entre a função tônica, os sentimentos e a evolução do movimento, influenciou gerações de psicomotricistas, que buscavam através da via corporal, melhorar a criança de forma global.

A maturação e a influência do meio foram consideradas, em seus estudos, como fundamentais para o desenvolvimento da criança. Segundo Negrine, Wallon considera que “o desenvolvimento segue a fusão entre o genótipo e o fenótipo. O primeiro consiste nos aspectos biológicos e o segundo no produto social.” (Negrine, 1994). Assim sendo, quanto maior a variedade de estímulos do meio, maior será o desenvolvimento do indivíduo.

Para Vygotsky, segundo Negrine (2002), o brincar cria uma “zona de desenvolvimento proximal”, fazendo com que a criança supere diariamente sua condição real, uma vez que o brincar, é considerado em si só uma fonte de desenvolvimento. Nos seus estudos, coloca que o indivíduo amadurece porque é capaz de aprender, ao contrário do que pensa a maioria dos psicólogos contemporâneos. Para ele, entre o biológico e o meio não existem fronteiras, considerando o segundo como impulsionador

do desenvolvimento.

Há uma estreita relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento, estas estão ligadas e inter-relacionadas entre si, desde o nascimento, muito antes da idade escolar. Acreditamos ser importante ressaltar a teoria de Vygotsky de que a criança ao chegar à escola traz consigo uma “bagagem de conhecimentos”, adquirida em suas experiências vividas no contexto ao qual se insere. Certamente esse conteúdo será exteriorizado através do jogo, possibilitando uma inter-relação entre os iguais e troca de experiências que resultará em maior desenvolvimento.

Negrine ao falar no desenvolvimento infantil, baseia sua teoria em observações e em estudos de Vygotsky. A partir destes marcos constrói suas convicções, considerando a teoria deste autor como fundamental. Para ambos, o jogo é simbólico e tem conteúdo social. Porém, para Negrine, a criança joga simbolicamente antes mesmo de falar, ao contrário do que dizem Piaget e Vygotsky. Ele considera que adultos e bebês estabelecem uma relação repleta de símbolos e como exemplo cita os sons que a criança faz ao imitar ruídos de automóveis ou ao levar a mão ao ouvido como se falasse ao telefone, estabelecendo desta forma regras e jogo.

Com relação ao desenvolvimento nas diferentes idades, acredita que a idade cronológica não pode servir de critério seguro para se estabelecer o nível real de desenvolvimento. Este se dá a partir da relação entre a realização individual e o que a criança pode fazer com a ajuda de outro, isto é, a relação entre desenvolvimento real e potencial. Negrine diz que se deve levar em conta também esse último, pois a criança pode necessitar ajuda inicialmente e em seguida passar para execução solitária, agregando o movimento ao seu vocabulário psicomotriz.³

Uma Visão Relacional

Acreditamos ser importante um breve histórico da psicomotricidade: no início do século passado a psicomotricidade teve um avanço significativo a partir dos estudos de Dupré sobre a síndrome da debilidade motriz e mental. Na década de 30, na França surgem as mais diversas linhas de pensamento: biomédico, psicopedagógico e psicanalítico, aliando autores teóricos e práticos. A vertente seguida é a reeducação, e, a partir da década de 60, a vertente passou a ser terapêutica. Mais recentemente educativa, com Lapierre e Aucouturier.

Estes autores fazem uma verdadeira revolução teórico-prática, na

³ Para maiores informações sobre o assunto, sugerimos a leitura da obra de Negrine, A. *O corpo na educação infantil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

psicomotricidade, criam a Psicomotricidade Relacional, modificando efetivamente a forma de pensar e agir em termos de psicomotricidade.

Lapierre e Aucouturier seguiam uma linha funcional até o momento em que seus estudos mostraram a expressividade e afetividade como componentes básicos para o desenvolvimento infantil. Para estes autores, segundo Negrine, a criança organiza o mundo a partir do seu próprio corpo e através da expressão e função simbólica o ser humano expressa afetividade espontânea através do gesto. As sessões são pensadas de forma diferente de até então, o lúdico tem caráter decisivo no desenrolar da mesma e não são apenas as crianças que passam por tratamento diferenciado, o adulto assume nova postura frente às mesmas. Este passa a desempenhar o papel de facilitador do processo, sendo necessário repensar sua formação.

O Papel do Adulto

Se pararmos para observar as crianças por onde passamos, seja nas ruas de um bairro, numa praça, na escola, poderemos percebê-las cumprindo suas regras, simbolizando muitos papéis, se exercitando incansavelmente, utilizando-se muito de sua criatividade. Com certeza tudo isso está inevitavelmente contribuindo para o seu desenvolvimento, estes jogos fazem parte de suas atividades lúdicas em seu tempo livre, mas estas mesmas atividades também podem ser oportunizadas a elas de forma direcionada por um adulto.

Segundo Lapierre, o adulto na função de educador, reeducador ou terapeuta tem um papel importante no desenvolvimento infantil. Para isto ele deve ter conhecimento teórico, objetivos bem definidos e principalmente deve passar por suas próprias vivências corporais a fim de obter o auto-conhecimento e auto-consciência, e só então poderá então entender o que a criança vive. Desta forma, o adulto estará mais preparado para intervir no jogo infantil, de maneira adequada às necessidades da criança, sem projetar-se. Sendo as relações um ponto chave da psicomotricidade relacional, o educador deve ser também um facilitador das mesmas durante a sessão.

É necessário que a criança adquira confiança em quem vai trabalhar com ela, Winnicott nos remete a esta questão em seu livro “O Brincar e a Realidade”, onde cita que a criança só se exprime criativamente quando brinca, e para que isto ocorra na presença do adulto, é preciso que sinta a disponibilidade do mesmo. Para Negrine o adulto deve estar disponível corporalmente sem se envolver no jogo.

Considerações Finais

A brincadeira acontece onde quer que a criança se encontre, independente do local. Basta um pequeno estímulo para que sua imaginação a leve para um mundo repleto de criatividade e movimento, expressando o seu interior.

Diariamente nos deparamos com os mais diversos tipos de relações e estas são inerentes ao meio em que vivemos. O ser humano por sua natureza é expressivo, afetivo e relacional, mas muitas vezes, por algum motivo, essas qualidades são bloqueadas. É necessário trabalhar as emoções, independente da idade. Sendo o adulto um educador, ele deverá procurar ter consciência de suas limitações a fim de superá-las. Um adulto bem informado e preparado terá condições de intervir e proporcionar com maior intensidade o desenvolvimento da criança.

Então, “vai, vai, vai começar a brincadeira...”

Referências

AUCOUTURIER, B. e LAPIERRE, A. *Bruno: Psicomotricidade e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LAPIERRE, A. e AUCOUTURIER, B. *A simbologia do movimento psicomotricidade e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

NEGRINE, A. *Aprendizagem e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: PRODIL, 1994, vol. I.

_____. *O corpo na educação infantil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

_____. *Terapias corporais a formação do adulto*. Porto Alegre: EDITA, 1998.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1975.